



Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDS/M/OS/MCT
Diretoria de Manejo de Desenvolvimento - DMD
Programa de Turismo de Base Comunitária - PTBC

SÉRIE: PROTOCOLOS DE MANEJO DE RECURSOS NATURAIS

Protocolo para Gestão de Recursos Turísticos Baseado na
Experiência do IDS/M junto à Pousada Uacari e à Associação de
Auxiliares e Guias de Ecoturismo de Mamirauá – AAGEMAM –
RDS Mamirauá – AM

Tefé – AM, dezembro de 2011.

Governo do Brasil



Presidente da República
Dilma Vana Russeff

Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI
Aloizio Mercadante Oliva

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDS**M**/OS/MCTI

Diretor Geral
Helder Queiroz

Diretora Administrativa
Selma Freitas

Diretor Técnico-Científico
João Valsecchi do Amaral

Diretora de Manejo e Desenvolvimento
Isabel Soares de Sousa

Coordenação do Programa de Turismo de Base Comunitária
Rodrigo Ozório

Pousada Uacari
Gerente
Ednelza Martins da Silva

Associação de Auxiliares e Guias de Ecoturismo do Mamirauá – AAGEMAM
Presidente
Izael da Silva Mendonça



O conteúdo deste documento foi elaborado por:

**Nelissa Peralta BEZERRA
Rodrigo Zomkowski OZORIO
Ednelza Martins da SILVA**

Este documento foi adaptado à estrutura padrão para protocolos de manejo conforme solicitado pela Comissão de Avaliação do MCTI e teve como base para adaptação os seguintes documentos:

JÁNER, A. e PERALTA, N. 2003. *Um diagnóstico do Programa de Ecoturismo implantado na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá*. Programa de Melhores Práticas em Ecoturismo: ProECOTUR, Ministério do Meio Ambiente. Manuscrito não-publicado.

PERALTA, N. B. 2002. Implantação do Programa de Ecoturismo na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Amazonas, Brasil. OLAM – Ciência e tecnologia vol 2 nº 2 Rio Claro: Aleph. Pp 1-21.

BEZERRA, Nelissa Peralta; OZORIO, Rodrigo Zomkowski; SILVA, Ednelza Martins da. **Turismo Comunitário**: ecoturismo de base comunitária na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, estado do Amazonas. Tefé, AM: IDS; Rede Turisol, 2010. 46 p., il. color. (Série Turisol de Metodologias).

Adaptado por:

**Isabel S. Sousa
Helder L. Queiroz**

Fotos: Eduardo Coelho
Marcos Amend
Nelissa Peralta
Cesar Modesto



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

DIAGNÓSTICO INICIAL

- Histórico da atividade na área
- Identificação da área de uso
- Caracterização dos usuários
- Levantamento de potenciais turísticos (desenvolvimento do produto e estratégia de marketing)
- Estudo de viabilidade econômico-financeira

PLANO DE IMPLANTAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

- Apoio à organização comunitária
- Plano de capacitação

PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DO EMPREENDIMENTO

- Fases de implementação e operação

MONITORAMENTO SOCIOAMBIENTAL

MECANISMOS DE AVALIAÇÃO

DESAFIOS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

- 1-Estrutura da Pousada Uacari
- 2-Normas de uso da Zona de Manejo Especial de Ecoturismo
- 3-Normas de conduta estabelecidas pelas comunidades participantes



INTRODUÇÃO

A atividade de ecoturismo de base comunitária vem sendo desenvolvida na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - RDSM desde 1998, com objetivos de promover a conservação dos recursos naturais e gerar benefícios socioeconômicos para a população de moradores desta Unidade de Conservação.

A população da reserva exerce, dependendo da estação do ano, uma combinação de atividades econômicas como a pesca, a agricultura familiar, a extração de madeira e de outros produtos extrativistas. A produção doméstica é voltada tanto para o consumo quanto para venda no mercado. A atividade de ecoturismo foi pensada para ser uma fonte de renda extra (adicional e alternativa) para a população local.

As comunidades envolvidas na atividade de ecoturismo estão situadas próximas à Zona de Manejo de Ecoturismo da RDSM e participam de várias formas no empreendimento. Estão envolvidos na prestação de serviços de hotelaria, na condução de visitantes, no gerenciamento da Pousada, nas tomadas de decisão através da associação local, na divisão dos excedentes gerados pela atividade, no fornecimento de produtos agrícolas, na venda de artesanato e na recepção de turistas em visitas às suas comunidades.

O ecoturista que visita a Reserva Mamirauá encontra uma combinação de atrativos naturais, culturais e científicos, que lhe possibilita uma experiência rica e diversificada. A programação de atividades é composta de visitas às trilhas e lagos para observação da fauna, passeios de canoa pela floresta alagada, visita às comunidades locais para conhecer e entender o modo de vida das populações locais e visitas às estações de pesquisa, onde os visitantes podem interagir com pesquisadores locais.

A atividade de ecoturismo desenvolvido em Mamirauá tem forte base comunitária, boa posição no mercado e, ao longo dos anos obteve sucesso em seus objetivos de contribuir para a conservação dos recursos naturais da área e oferecer uma alternativa econômica aos moradores envolvidos na atividade. Entretanto, a atividade deve vencer seus principais desafios que são implantar a gestão do empreendimento em sua totalidade e manter a qualidade dos serviços e produtos.

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - RDSM está localizada no estado do Amazonas, na confluência dos rios Japurá, Solimões e Auaí-Paraná. Protege uma área de 1.124.000 ha de florestas de várzea, faz parte do Corredor Central da Amazônia, da Reserva da Biosfera, é dos Sítios definidos pela Convenção de Ramsar das Nações Unidas e é também um Sítio Natural do Patrimônio Mundial (UNESCO). Uma das características de uma RDS é a permanência das populações humanas na área, e seu envolvimento e participação nas decisões sobre o manejo e gestão dos seus recursos naturais.

A gestão da RDS Mamirauá é de responsabilidade do estado do Amazonas, através da sua Secretaria de Desenvolvimento Sustentável - SDS e do Centro Estadual de Unidades de Conservação (CEUC). O Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM apóia as ações de gestão e é responsável pela implementação de programas de manejo de recursos naturais em algumas áreas da reserva. Dentre esses programas está o Programa de Turismo de



Base Comunitária, responsável pela implementação da Pousada Uacari, pela assessoria da gerência da pousada e da diretoria da Associação de Auxiliares e Guias de Ecoturismo do Mamirauá – AAGEMAM.

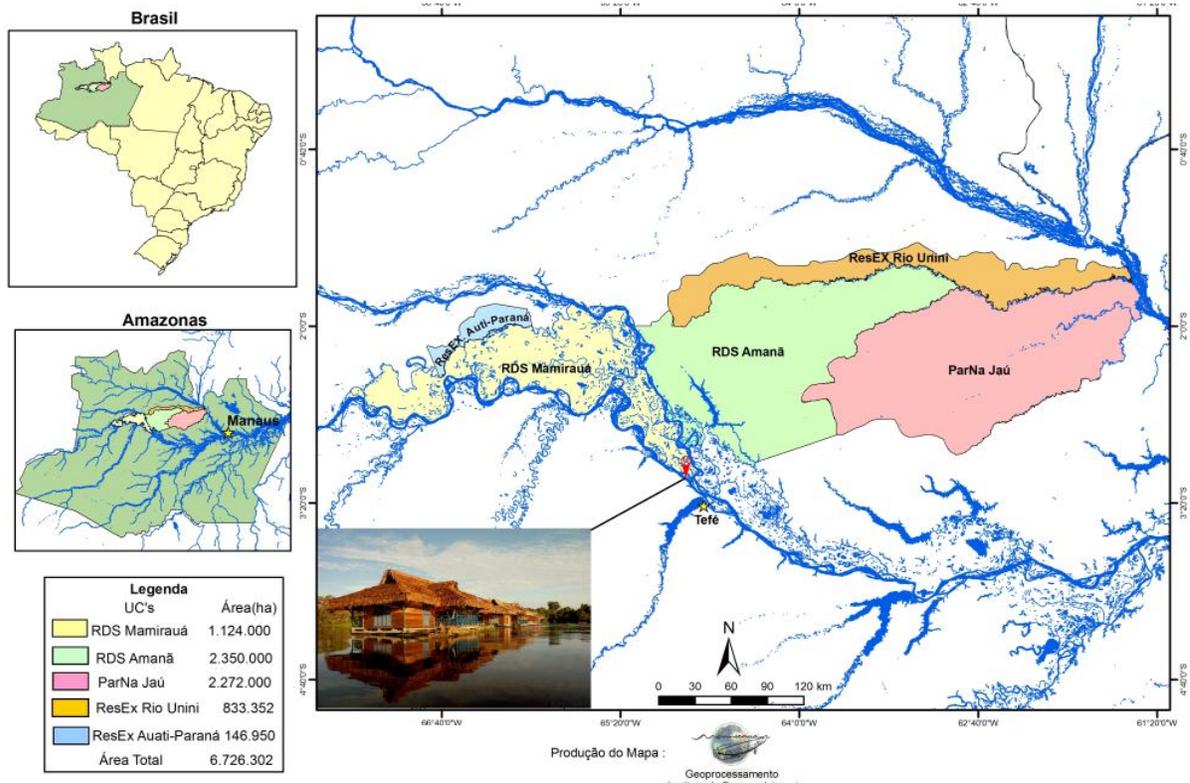


Figura 1. Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e outras Unidades de Conservação que fazem parte do Corredor Central da Amazônia.



DIAGNÓSTICO INICIAL

Histórico da atividade na área

A atividade de turismo na área da Reserva Mamirauá era completamente nova para sua população. Portanto, a primeira iniciativa do Instituto Mamirauá foi promover discussões entre os atores envolvidos – moradores locais, pesquisadores e técnicos - com a finalidade de elaborar uma estratégia de implantação do ecoturismo como uma alternativa econômica.

Um diagnóstico preliminar demonstrou que as comunidades residentes próximas da zona de manejo especial definida para a atividade de ecoturismo não tinham conhecimento sobre o tema e assim foi identificada a necessidade de explicitar a estas comunidades tanto os objetivos do ecoturismo de um modo geral como seus possíveis impactos, negativos e positivos, dentro da realidade local, para que uma estratégia de implantação da atividade fosse elaborada. Inúmeras reuniões foram realizadas com as comunidades do Setor Mamirauá buscando atingir tais objetivos.

Na primeira fase (1997-1998), a direção do Instituto Mamirauá e as comunidades do Setor Mamirauá decidiram investir em uma infra-estrutura básica de ecoturismo para que o produto fosse estudado e testado através da demanda espontânea.

O Instituto Mamirauá designou um flutuante e contratou dois funcionários especificamente para fins de recepção de turistas na Reserva. Esta iniciativa ofereceu aos técnicos uma idéia geral sobre os diferentes perfis dos clientes e, portanto, o segmento de mercado que o programa de ecoturismo deveria buscar.

Os participantes, moradores das comunidades locais, também tiveram uma idéia real sobre o que seria o ecoturismo, idéia esta que foi multiplicada em outras comunidades. Pode-se dizer que o contato inicial entre turistas e população local desmistificou os objetivos dos ecoturistas aos olhos dos residentes.

Finalmente, a iniciativa deu experiência prática na prestação de serviços para alguns comunitários, e gerou alguns benefícios econômicos, provocando maior interesse no empreendimento por outras comunidades.

Esta primeira fase foi, portanto, essencial no sentido de identificar as potencialidades do ecoturismo como alternativa econômica rentável, experimentar o mercado e fornecer subsídios para um estudo mais minucioso buscando o financiamento do projeto.



Por volta de 1980 o pesquisador e primatólogo José Márcio Ayres chegou na região do médio Solimões para estudar o primata Uacari, animal endêmico desta região. Ele era um visionário e conseguiu junto aos poderes públicos a criação de uma Estação Ecológica com o objetivo de conservar a área onde vivia o macaco Uacari. A Estação Ecológica Mamirauá, com 1.124.000 hectares, foi criada e nela havia moradores ribeirinhos. Ocorre que a categoria Estação Ecológica não permitia a permanência deles na área. Márcio então conseguiu criar uma nova categoria de unidade de conservação, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável, que permite a permanência de pessoas na Unidade de Conservação. Com isso os moradores teriam participação na proteção da biodiversidade e o Márcio sabia que sem esta aliança não seria possível conservar a floresta. Para atrair os moradores e para que aceitassem esse envolvimento deveria ser oferecida a eles condição econômica de sobrevivência na área. Para isso o Márcio teve a inspiração de sugerir que a equipe do Mamirauá oferecesse programas de alternativas econômicas para melhorar a renda dos moradores. Um desses programas foi o Ecoturismo de Base Comunitária, e ele se empenhou muito para conseguir financiamento para montagem da estrutura de campo do Programa de Ecoturismo. Ele sonhava em ter um programa que mostrasse à sociedade os trabalhos realizados em Mamirauá pelos seus pesquisadores, as atividades que envolviam os comunitários ao mesmo tempo em que vislumbrava os comunitários se beneficiando economicamente do programa de ecoturismo. Era uma atividade nova para eles e foi um grande desafio que teve êxito, principalmente pelo desejo de seu idealizador de criar uma fonte alternativa de renda para melhorar a vida dos habitantes locais.

Ana Rita Pereira Alves

Diretora geral do IDSM de 2002 a 2010



Identificação da área de uso

No processo de definição da área de ecoturismo é importante considerar potenciais atrativos turísticos. A atividade de ecoturismo ocorre em uma área específica da UC, parte dela está dentro da Zona de Proteção Permanente, definida pelo Plano de Gestão como Zona de Manejo Especial de Ecoturismo.

A área tem 35 km² (figura 2), foi definida dentro de um dos setores políticos da RDSM, o Setor Mamirauá, e aprovada em assembleia geral por representantes das comunidades da Reserva, em 1997. Compreende parte de um Sistema, com aproximadamente 10 lagos e mais os corpos d'água localizados desde a foz do Paraná do Mamirauá, estendendo-se para o cano desse lago, suas margens, o próprio lago Mamirauá e outros ligados a ele.

Foi definido também um conjunto de 14 trilhas, todas em área de várzea, com vegetação característica de restinga baixa e chavascal que são inundadas com a variação sazonal do nível d'água. Geralmente, no período de agosto a abril é possível percorrer as trilhas a pé e, no período de maio a julho o trajeto é feito em canoas.

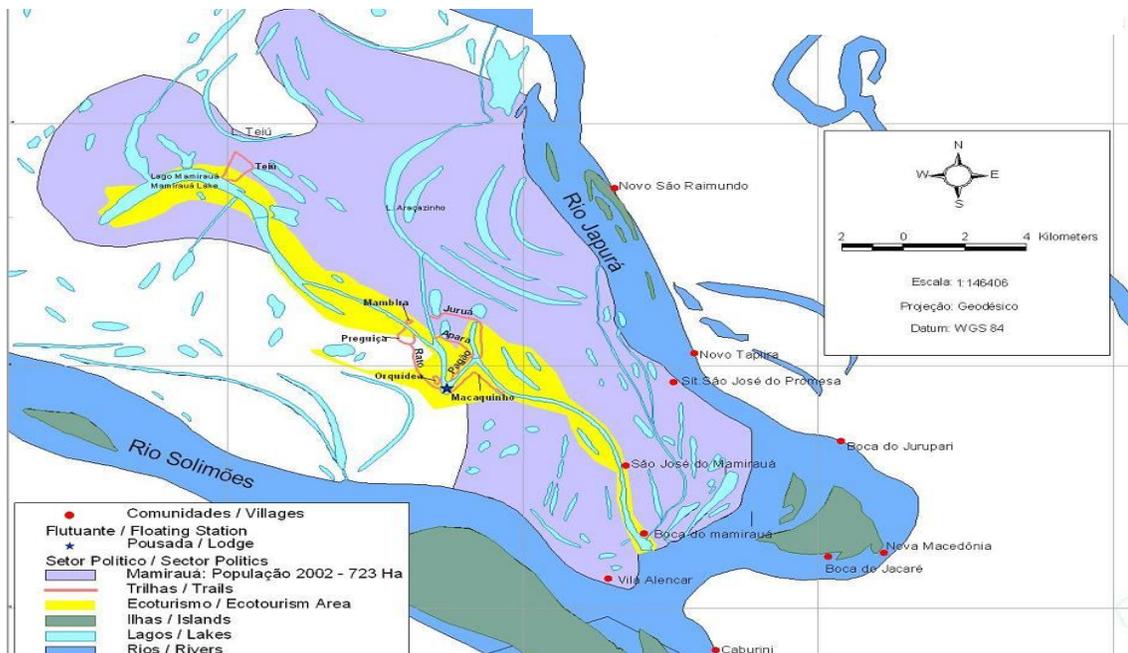


Figura 2. Zona de manejo especial de ecoturismo (em amarelo).



Caracterização dos usuários

As comunidades locais envolvidas diretamente com a atividade de ecoturismo, estão situadas próximas à Zona de Manejo de Ecoturismo. Sua produção econômica é resultado de uma combinação de atividades, fortemente influenciadas pela sazonalidade do ecossistema de várzea, dentre essas atividades estão: a pesca, a agricultura, a extração de madeira e de outros recursos naturais.

Os moradores dessas comunidades participam da atividade de ecoturismo de várias maneiras: nas tomadas de decisão através da Associação de Guias e Auxiliares de Ecoturismo (AAGEMAM), trabalhando na Pousada como prestadores de serviços, vendendo produtos (agrícolas, pescado, legumes, frutas e verduras), vendendo artesanato para os turistas e recepcionando turistas nas suas comunidades.

Benefícios econômicos diretos, gerados em curto prazo (como a renda através da prestação de serviços e venda de produtos agrícolas e artesanato) estão sendo ótimas oportunidades para fixar benefícios econômicos no local e evitar a dispersão da receita do ecoturismo.

A promoção da associação entre a operação turística e outras atividades econômicas do local é essencial no sentido de manter as atividades tradicionais e distribuir benefícios econômicos. As duas atividades que mostram mais sinergia com o ecoturismo são a produção e venda de artesanato e o fornecimento de alimentos (produtos agrícolas e peixes).

Inicialmente, o artesanato ainda carecia de qualidade, mas depois de três anos de incentivo e assessoria para as/os artesãs, percebeu-se um crescimento da qualidade, da produção e das vendas. O ganho é tanto econômico como cultural, pois observa-se um interesse cada vez maior de crianças e jovens em aprender o trabalho.

A atividade gera uma renda adicional ao orçamento doméstico, que vem suprir muitas vezes as necessidades básicas das famílias, principalmente nas épocas em que as atividades econômicas tradicionais sofrem uma diminuição, como por exemplo, durante o período da cheia (Souza, 2001).

A compra de produtos depende muito da oferta, que ainda é baixa no Setor Mamirauá. É necessário um nível maior de organização dos produtores para que possam garantir a entrega dos produtos. A operação do programa de turismo de base comunitária ainda não está organizada o suficiente para maximizar a compra de produtos originados das comunidades. Foram realizadas várias reuniões no Setor para diagnosticar as dificuldades e definir uma sistemática no processo de venda de produtos. A AAGEMAM (Associação de Guias e Auxiliares de Ecoturismo do Mamirauá) foi identificada como potencial mediador entre os fornecedores e o comprador.

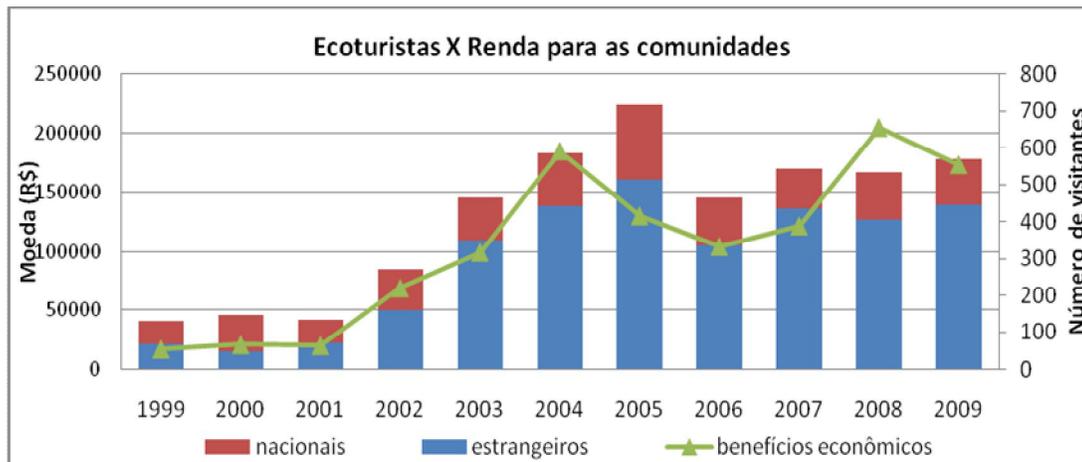


Figura 3: Relação do número de visitantes e geração de benefícios econômicos

Com estes resultados, o interesse das comunidades de participar na atividade de ecoturismo cresceu ao longo dos anos, chegando a envolver 60 associados na AAGEMAM em 2010. A diretoria da AAGEMAM avalia os novos candidatos por um período de três meses para então admiti-los como sócios definitivos e assumirem as atividades de ecoturismo.

As visitas às comunidades são feitas de maneira estruturada e com o acompanhamento das pessoas responsáveis. Este procedimento pode resultar em benefícios, tanto econômicos quanto socioculturais. Em Mamirauá, as visitas às comunidades foram elaboradas utilizando metodologias participativas em reuniões que tinham como objetivo: identificar as atrações existentes em cada comunidade, segundo sua própria visão de atratividade e estabelecer regras de conduta para os turistas durante estas visitas.

As comunidades que recebem visitas de ecoturistas desenvolveram calendários anuais das atividades tradicionais que seriam atrações turísticas, como a colheita da mandioca, fabricação da farinha, as festas dos padroeiros, etc. Além disso, com o objetivo de possuir certo grau de controle sobre a visita e minimizar seus impactos negativos, as comunidades escolheram pessoas que seriam responsáveis, decidindo o que mostrar, como mostrar suas atrações e também orientando a conduta do turista dentro da comunidade.



Foto Eduardo Coelho



Levantamento de potenciais turísticos (desenvolvimento do produto e estratégia de marketing)

Para competir no mercado, novos produtos devem ter uma estratégia de marketing bem planejada para atingir um segmento específico. A estratégia de marketing deve compreender diversos fatores como: desenvolvimento do produto e de sua imagem, divulgação, preço, canais de distribuição, vendas, etc.

Em seus passos iniciais, os objetivos principais da estratégia de marketing são por um lado, entender o mercado, entender o lugar, as preferências do cliente, as oportunidades disponíveis e o empreendimento como um todo, seu potencial benefício e impacto; por outro, entender que tipo de experiências e produtos os turistas buscam para ajustar aspectos específicos do destino turístico para atender ao perfil apropriado de turista.

No caso do ecoturismo, é necessário ter informações sobre o ambiente natural e entender as inter-relações entre turistas e comunidades envolvidas e entre os turistas e o meio-ambiente. Desta forma, grande parte do trabalho desenvolvido na área de marketing tem como objetivo conhecer as atrações e desenvolvê-las, bem como conhecer o mercado e selecionar um segmento onde inserir seu produto.

Em Mamirauá, as atividades de marketing foram desenvolvidas tentando responder as seguintes perguntas: quais são os elementos principais do produto ecoturístico em Mamirauá? Qual é o perfil do cliente que se deve atingir? Como este produto deve ser vendido para este segmento de mercado?

O marketing do Ecoturismo deve obedecer aos mesmos critérios da publicidade convencional para obter resultados eficazes. O dito marketing mix (produto, preço e praça) deve ser considerado na estratégia. Mamirauá não pode ter um preço muito alto para não perder a competitividade de outros destinos na Amazônia. Para estabelecer o preço dos pacotes, devem ser considerados: competição, taxa de ocupação alvo de 40% a 50%, retorno adequado e simplicidade.

A promoção em si é um fator de elevado custo em qualquer empreendimento. Portanto, as unidades de conservação que buscam o ecoturismo como "alternativa econômica" devem aproveitar os contatos já estabelecidos e as oportunidades de divulgação na mídia dando apoio logístico e convidando estes profissionais para conhecer a área. O material de promoção a ser desenvolvido (informativos, folder, vídeos, etc.) deve ser simples. Feiras de Turismo também devem ser consideradas como canal de venda em potencial. Além disso, o produto deve ser divulgado com cautela e as operadoras devem ser selecionadas com cuidado, objetivando atrair a fatia de mercado adequada. Também é importante reavaliar os canais de venda anualmente para estabelecer comissão adequada de acordo com retorno.

Um dos pontos mais importantes para o sucesso do empreendimento é a manutenção de um fluxo adequado de clientes ao longo do ano para que os custos fixos da operação possam ser diluídos. Portanto, o setor de vendas deve ser ocupado por um profissional que conheça bem o produto e se empenhe em captar a clientela adequada e não levantar falsas expectativas. Manter um profissional para um pronto atendimento é essencial para garantir as vendas.



O principal elemento do produto ecoturístico em Mamirauá é a facilidade que o ecossistema de várzea oferece para o avistamento de fauna amazônica. Os rios de cor barrenta transportam enorme carga de sedimento que se deposita a cada ano nos solos inundáveis, tornando as várzeas muito produtivas e relativamente férteis, quando comparadas a outras terras da Amazônia (Ayres, 1993: p. 96).

De acordo com Ayres e Johns, “as várzeas de Mamirauá são notabilizadas pela sua comunidade animal. Trata-se de uma comunidade rica em espécies de vertebrados, especialmente peixes, répteis, aves e mamíferos, muitas vezes raros” (Ayres & Johns, 1987:74-80).

Além disso, as taxas de endemismo da várzea de Mamirauá são altas, pois o sistema de alagamentos pode permitir aos animais se desenvolverem adaptações específicas para viver naquele determinado tipo de ambiente. “Apesar da fauna terrestre do local não apresentar alta diversidade, devido ao rigoroso regime de alagamentos, as várzeas de Mamirauá possuem uma importante representação de mamíferos arborícolas, alguns deles endêmicos” (Queiroz, 1995:10).

A zona de manejo de ecoturismo está circundada por uma área de preservação total, no centro da área focal da Reserva Mamirauá, anos de conservação oferecem como resultado boas oportunidades de avistamento de fauna como primatas e outros mamíferos arborícolas, ictiofauna (especialmente na seca) e répteis como o jacaré-açu. Nas trilhas os visitantes têm a melhor oportunidade de avistamento, o número de espécies de mamíferos prováveis de serem avistados em cada trilha visitada é de duas espécies (Fleck, 2001: pp. 5-10). Sendo que em uma das trilhas, a taxa de avistamento de um dos primatas endêmicos e espécie-bandeira da Reserva, o uacari-branco, é de 50% (Tabela 1).

Tabela 1: Taxa de avistamento das principais espécies de mamíferos (Fleck:2001)

Trilha	Taxa de avistamento						Índice de encontro	Compr. da trilha (m)
	Guaribas	Uacaris	Macaco-prego	Saimiri vanzolinii	Preguiças	Preguiça-real		
Apara	45%	50%	41%	41%	59%	6%	2,42	1500
Macacos	58%	5%	42%	73%	30%	9%	2,16	2441
Pagão	45%	36%	36%	45%	14%	5%	1,82	1459
Mambira	14%	43%	21%	71%	14%	0%	1,63	921

Outro elemento, não menos importante, do produto desenvolvido é a possibilidade de interação com as pesquisas realizadas na área da Reserva e a possibilidade de acesso a informações sobre o ecossistema. Considerando que o ecoturismo tem um foco no aprendizado e na descoberta da natureza e das manifestações culturais de um determinado local (Paul, 1995: p.9),



estes fatores podem servir como atrativo e prover o produto de uma diferenciação no mercado em que se encontra.

Estimuladas pela pesquisa realizada em uma determinada área natural, as publicações na mídia impressa, documentários e outros instrumentos de divulgação atingem os mercados em outros países e incentivam um tipo de visitação que é compatível com os objetivos de conservação e desenvolvimento.

As atividades científicas na Reserva Mamirauá são amplamente divulgadas e despertam interesses específicos dentro do segmento de mercado do turismo científico. O ecoturista que chega à Reserva Mamirauá já conhece um pouco de seu histórico e procura obter mais informações sobre as diversas pesquisas que são realizadas na área. Portanto, informações sobre as pesquisas e seus resultados devem ser divulgadas entre os visitantes, agregando valor à experiência ecoturística.

Tal disseminação pode ser feita através de apresentações ou conversas informais com o guia naturalista; através de folhetos explicativos sobre os trabalhos; e ainda através do contato com pesquisadores que estejam trabalhando na área. Esta última opção é a mais interessante e a que agrega mais valor ao produto de ecoturismo.

A participação comunitária no projeto de ecoturismo é também um elemento do produto. O ecoturista tradicionalmente procura destinos que gerem benefícios para as comunidades locais, e não hesitam em pagar um pouco mais por um produto cujos retornos sejam revertidos diretamente para a população local.

Estudos de mercado informam que o ecoturista pode pagar um valor até quatro vezes superior ao turista tradicional (Lisboa, Cavalcante & Souza, sem data). A participação comunitária deve ser promovida e divulgada, visto que é um elemento que proporciona uma diferenciação em relação a outros produtos oferecidos no mercado brasileiro.



Estudo de viabilidade econômico-financeira

Antes de um maior investimento na atividade turística, foi identificada a necessidade de realizar um estudo de viabilidade econômico-financeira, analisando a possibilidade real de se desenvolver o produto - identificando atrativos, diferenciais e sua posição competitiva. Além disso, o estudo de viabilidade também teve o papel de identificar o público-alvo e o segmento de mercado onde o produto poderia ser inserido.

Em 1998, o estudo de viabilidade econômica da atividade de ecoturismo no Setor Mamirauá foi realizado através de uma consultoria de uma especialista em ecoturismo e marketing. O estudo abordou vários aspectos de demanda e oferta turística, bem como desenhou o tipo de produto a ser oferecido, de acordo com os subsídios fornecidos pelos principais atores. Estes foram técnicos do programa de ecoturismo, comunitários, técnicos da área social e pesquisadores. Este estudo de viabilidade foi desenhado também como um plano de negócios preliminar para o empreendimento.

Depois do resultado favorável do estudo, vários projetos foram enviados para fontes financiadoras com o objetivo de obter fundos para o desenvolvimento do programa. O Department for International Development (DFID), o principal financiador das atividades do Instituto Mamirauá no período de 1997 a 2001, também concordou em apoiar o desenvolvimento do ecoturismo como uma das alternativas econômicas para a população da Reserva Mamirauá.



PLANO DE IMPLANTAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

Apoio à organização comunitária

Em um contexto de Unidade de Conservação de uso sustentável, os gestores da área protegida devem estar sempre envolvidos no desenvolvimento do ecoturismo para garantir a sustentabilidade ambiental, econômica e social da atividade. Além disso, as comunidades devem participar de todas as fases do processo para que a atividade seja por elas apropriada.

O programa de Turismo de Base Comunitária – PTBC tem como sua principal instituição local parceira a Associação de Auxiliares e Guias de Ecoturismo de Mamirauá (AAGEMAM). O processo de criação desta associação foi iniciado em 1999, na ocasião de uma oficina sobre associativismo promovida pelo Instituto Mamirauá.

Durante esta oficina foram discutidos temas importantes como os objetivos do associativismo, o processo de formação de uma associação e a legislação brasileira. A formalização da associação durou cerca de três anos. Seus associados levaram algum tempo para discutir quais seriam os principais objetivos da associação, para elaborar seu estatuto, e para formalizar sua organização.

A AAGEMAM, mesmo informal, iniciou com apenas cerca de 15 pessoas, e em 2010 contava com cerca de 60 associados. A associação tornou-se um dos principais atores na tomada de decisão sobre a gestão da Pousada e sobre a divisão dos excedentes da atividade. Além disso, é a principal parceira na capacitação dos trabalhadores e na organização das comunidades. Ela é gerida por uma diretoria eleita que, por sua vez é supervisionada por um conselho fiscal.

As decisões referentes à atividade de ecoturismo são discutidas com a AAGEMAM, mas esta associação também se tornou um importante interlocutor para veicular os interesses dos associados, não apenas em questões referentes ao ecoturismo, mas em relação à conservação e ao uso dos recursos naturais do local.

Um exemplo disto foi a reclassificação de uma pequena área de uso sustentável para proteção permanente proposta pela associação ao Setor Mamirauá, principal fórum de decisão local. A estratégia do PTBC é envolver a associação como principal parceiro, assim, fortalecendo a organização comunitária e sua participação nas decisões referentes ao ecoturismo.

Plano de capacitação

Um dos principais objetivos de qualquer programa de turismo é promover a capacitação comunitária, através de treinamentos e experiência prática. Ceballos-Lascurain vê o treinamento como componente vital para o sucesso de um empreendimento ecoturístico e adiciona a importância dos programas de treinamento possuírem uma natureza prática (Ceballos-Lascurain, 1995: p.28). Além disso, o treinamento deve levar em conta a realidade local, isto é, deve ser planejado e aplicado com linguagem e metodologia adequadas.



O programa de Turismo de Base Comunitária em Mamirauá realizou treinamentos para cerca de sessenta comunitários do Setor. Foram realizados cursos de interpretação ambiental, condução de roteiros, primeiros socorros, alimentos e bebidas, governança, computação, gerenciamento, entre outros. No início, os treinamentos introduziram conceitos gerais sobre turismo, ecoturismo, hospitalidade, etc. Ao longo do tempo, os cursos visavam o aperfeiçoamento técnico do pessoal local de acordo com as principais dificuldades diagnosticadas.

Além de um aperfeiçoamento da prestação de serviços, os cursos podem servir como uma ferramenta de empoderamento pessoal, possibilitando a valorização da mão-de-obra local. Entretanto, é necessário ressaltar que esta capacitação faz parte de um processo contínuo de treinamento, avaliações, experiência prática e que existem várias dificuldades durante o processo. A dificuldade principal é a linguagem, que nem sempre é apropriada, e a falta de material didático adequado, já que parte dos trabalhadores é analfabeta ou semi-analfabeta. Por isso, os cursos devem ser simples e devem ser utilizadas técnicas participativas para que haja o máximo de aproveitamento.

Foi um processo de capacitação gradual. À medida que eles iam adquirindo envolvimento e experiência com a atividade do turismo as capacitações iam ganhando mais complexidade. Aos poucos iam se envolvendo em temas mais complexos e ainda estão neste processo. Hoje em dia a operação de campo da pousada é administrada pelas comunidades e o Instituto Mamirauá auxilia na comercialização e administração financeira, pois eles ainda estão na etapa de capacitação para isso.

Rodrigo Ozório

Coordenador do Programa de Turismo de Base Comunitária
IDSM-OS



Figura 4: Curso para membros da AAGEMAM. Formação de guias locais (foto Eduardo Coelho).



Quadro 1 – Algumas das principais capacitações necessárias para manutenção da operação de ecoturismo na RDSM.

Tema	Objetivos
Guias Comunitários	Trocar experiências entre os guias; enfatizar a importância da visita e do guia comunitário como facilitador cultural; discutir regras de visitação; mapear os principais atrativos existentes e discutir possibilidade de inserir novos.
Noções Básicas de Contabilidade	Melhorar o fluxo de caixa da Pousada; orientar a AAGEMAM no controle e prestação de contas da associação; orientar as feirantes para preenchimento de recibo e pagamento dos fornecedores.
Condução de Visitantes em áreas naturais	Informação e interpretação da natureza (várzea); posicionamento de um guia local na liderança de um grupo de turistas.
Inglês Básico	Incrementar o domínio da língua inglesa; desenvolver material didático para consulta dos comunitários. (deve ser ministrado em módulos)
Oficina de Agricultura e Ecoturismo	Realizar o levantamento dos produtos que podem ser vendidos para a Pousada Uacari; identificar as dificuldades para a venda; criar soluções e estratégias para venda de produtos; criar um cadastro para feirantes e incentivar os comunitários para a plantação de roças e hortas.
Curso de Noções básicas de ornitologia	Repassar noções básicas de ornitologia e observação de aves.
Atendimento na copa	Aprimorar o serviço prestado pelos copeiros na Pousada Uacari. Discutir o modo como o atendimento ao cliente tem sido feito, dando ênfase na questão das vendas e na comunicação com o hóspede.
Excelência no Atendimento ao Cliente	Aprimorar o atendimento aos clientes na Pousada e nas lojas de artesanato.
Boas Práticas de Fabricação de Alimentos	Entender os procedimentos e boas práticas para a preparação de Alimentos Seguros enfatizando os perigos que afetam os alimentos, a higiene pessoal, comportamento no ambiente de trabalho, higienização, qualidade da água e combate às pragas.
Associativismo e Contabilidade	Ajudar a Associação a entender questões conceituais sobre Associativismo e Contabilidade. Discutir os direitos e deveres que as associações constituídas têm.



Primeiros Socorros	Repassar técnicas de atendimento emergencial às vítimas de acidentes.
Princípios ecológicos e interpretação ambiental	Capacitar os guias locais em conceitos básicos de ecologia e interpretação ambiental.
Supervisão e Hoteleira	Entender o funcionamento dos diversos setores de um hotel e as funções e características da gerência e líder supervisor.
Gestão Ambiental	Capacitar os comunitários locais para a construção do sistema de Gestão Ambiental da Pousada Uacari.
Resíduos Sólidos	Capacitar os comunitários sobre o conceito de Resíduos Sólido: o que é como é gerado, formas de armazenar e tratar.



PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DO EMPREENDIMENTO

Fases de Implementação e Operação

Um dos princípios básicos de um projeto de ecoturismo é a minimização dos impactos negativos causados ao meio e sua infra-estrutura deve ser construída de acordo com este princípio. Proporcionar acomodações confortáveis e de baixo impacto ao meio-ambiente é a chave para o sucesso das instalações ecoturísticas.

As instalações devem também atender às necessidades dos clientes do segmento de mercado que se queira atingir, visto que os equipamentos turísticos são responsáveis por atrair turistas para as áreas naturais remotas. O perfil do cliente em potencial deve estar claro para os empreendedores antes da elaboração do projeto, pois este perfil deve ditar o nível de conforto, o custo do empreendimento e influenciar o preço do pacote.

Em Mamirauá, o segmento de mercado identificado é formado por ecoturistas entre 30 a 50 anos, que estão interessados na observação da natureza e em áreas de proteção ambiental. Isto infere que o nível de conforto deve ser médio, as instalações devem ser simples e práticas e atender às expectativas dos hóspedes que buscam a integração com um ambiente natural, mas querem gozar de algum conforto.

A fase de planejamento de um projeto é de suma importância e deve levar em conta fatores econômicos, mercadológicos, ambientais, culturais, etc. Para isto, o projeto deve contar com uma equipe multidisciplinar para sua elaboração. Em Mamirauá, a elaboração do projeto foi resultado do diálogo entre o arquiteto, os técnicos do programa (biólogo, administrador, técnico sanitário) e a população local que atuou no seu planejamento e parte de sua execução.

O planejamento do projeto deve ter a condução de um especialista que deve passar algum tempo na região observando os atrativos naturais e culturais, entendendo o contexto físico e social da área para que o desenho arquitetônico seja bem adaptado à realidade local. A população local deve ser incentivada a participar do processo de planejamento, principalmente no que se refere às técnicas e materiais de construção.

Após a fase de planejamento, ficou clara a importância da implantação do projeto em etapas para que os empreendedores pudessem testar técnicas e materiais apropriados, adaptar o projeto ao longo de sua implantação e para que houvesse um ajuste da projeção de custos. A primeira etapa de construção da Pousada Flutuante Uacari realizou-se em 1999 - um módulo com duas suítes foi construído primeiro e novas tecnologias, materiais e métodos avaliados. As lições aprendidas durante a construção do primeiro módulo foram replicadas nos seguintes e toda a equipe já tinha maior experiência com fornecedores, materiais, técnicas, etc.

No ano de 2001, as 10 unidades de hospedagem da Pousada Uacari foram finalizadas e o empreendimento entrou em sua fase de funcionamento completo, estando apto a acomodar confortavelmente 20 ecoturistas por vez.

Um aspecto importante das instalações ecoturísticas é a utilização de tecnologias apropriadas para a minimização dos impactos negativos ao meio-ambiente. A Pousada Flutuante Uacari



conta com energia fotovoltaica para iluminação, bombeamento e aquecedores de água, filtro de dejetos, captação e filtragem de água da chuva.

Quadro 2: Resumo histórico das principais atividades de implantação da atividade de ecoturismo

Ano	Ecoturismo de Base Comunitária
1996	Ecoturismo é proposto, em assembléia geral de moradores da Reserva Mamirauá, como uma das alternativas econômicas para as comunidades locais;
1998	Realização do estudo de viabilidade econômica; Utilização de flutuante/base de pesquisa para acomodação de visitantes (demanda espontânea);
1999	Soft opening (fase de teste); Construção da primeira unidade da Pousada Uacari (duas suítes); Elaboração de um Plano de Marketing Início do processo de criação e formalização da associação que presta serviços para a pousada; Capacitação de moradores locais para prestação de serviços na Pousada;
2000	Soft opening (fase de teste) Capacitação de moradores locais para prestação de serviços na Pousada;
2001	Finalização das unidades de hospedagem - quatro estruturas flutuantes com duas suítes em cada uma – total de oito suítes; Conclusão do processo de criação e formalização da Associação de Auxiliares e Guias de Ecoturismo de Mamirauá – AAGEMAM;
2002	Menção de destaque no guia de viagens Lonely Planet ; Primeiro ano com excedentes e repasse às comunidades da área de abrangência das atividades de ecoturismo – Setor Mamirauá;
2003	Melhor destino de ecoturismo do mundo pela revista Conde Nast Traveler; Prêmio de Turismo Sustentável pela Smithsonian;
2004	Comunitário assume a gerência da pousada Uacari;
2006	Nova unidade central da Pousada concluída;
2008	Início dos estudos de viabilidade turística na Reserva Amanã;
2011	Necessidade de se fazer um novo estudo de viabilidade econômico-financeira

O sucesso da operação de ecoturismo depende não apenas de um bom planejamento, mas também de sistemas de gerenciamento que sejam adaptados à realidade local. O gerenciamento de um projeto de ecoturismo em Unidade de Conservação deve visar a sustentabilidade econômica, ambiental e social da atividade.

O plano de viabilidade preliminar deve ser seguido e seus resultados monitorados para que a atividade gere os esperados benefícios econômicos. O controle financeiro deve ser feito de



modo convencional, buscando minimizar os custos e aumentar a receita do empreendimento sem comprometer a qualidade do produto e a integridade da área natural. Uma estratégia de maximização de receitas deve envolver a elevação dos gastos dos turistas no local, respeitando a capacidade de suporte da área.

As principais atividades e ações desenvolvidas na operação ecoturística são: contabilidade, gerenciamento e treinamento de recursos humanos, vendas, marketing, compra e controle de estoques, manutenção, monitoramento da qualidade dos serviços, monitoramento ambiental e sistema de avaliação participativa.



Figura 5 – Construção dos módulos e vista aérea da Pousada Uacari (fotos Nelissa Peralta e Cesar Modesto).



MONITORAMENTO SOCIOAMBIENTAL

O Ecoturismo é visto como uma ferramenta para a conservação dos recursos naturais e desenvolvimento das populações envolvidas, mas pode causar muitos impactos negativos, tanto ambientais quanto sociais. Os impactos da atividade estarão relacionados não apenas com o fluxo total de turistas a uma determinada área, mas também com a sua conduta em relação ao ambiente natural e social.

Um programa de ecoturismo em uma Unidade de Conservação deve levar em conta a minimização de impactos da atividade turística sobre o ecossistema. Deve ser estabelecido, portanto, um sistema de 'manejo de visitantes' com uma série de ações visando à minimização dos impactos causados pela atividade.

Ecoturistas devem ser informados sobre as normas de manejo de ecoturismo antes e ao chegarem à área natural. Os guias locais, guias bilíngües e demais funcionários devem ser treinados para orientar e informar visitantes sobre a conduta apropriada nas diversas atividades da visita, como trilhas, lagos, comunidades e panfletos relacionados a cada tipo de atividade devem ser distribuídos.

As normas de uso da zona de manejo especial de ecoturismo da RDS Mamirauá estão organizadas de acordo com o tipo de atividade, começando pelas mais gerais até as mais específicas para cada ambiente de visitação ou estadia. Com relação às normas gerais, só é permitida a atividade turística dentro da zona de manejo especial de ecoturismo e em companhia de um guia local credenciado e previamente treinado; o número máximo permitido de turistas dentro da Reserva é de mil visitantes ao ano; é proibida a coleta de materiais nas trilhas, lagos e canos; é proibido agredir ou interferir com quaisquer espécies da fauna ou flora locais.

Em relação ao comportamento nas trilhas: só é permitida a visitação de seis pessoas por vez nas trilhas de ecoturismo e com a presença de um guia; é proibido ao hóspede interferir com fauna e flora local, fazer barulho e fumar. Nos lagos e canos: só é permitida a visita nas canoas com motores quatro tempos de 15HP e estas devem fazer o trajeto em baixa velocidade.

A visita à comunidade não pode ser realizada sem aviso prévio ou sem as presenças do representante escolhido pela comunidade e do guia naturalista; durante tais visitas, os ecoturistas não devem entrar nas residências, fotografar ou filmar sem a permissão do morador local; e para não incentivarem a coleta de animais selvagens da floresta, não é permitido fotografá-los nas comunidades.



Quadro 3- Principais medidas adotadas para minimização de impactos ambientais na Pousada Uacari.

Energia	Eletricidade proveniente de painéis solares. Água quente nas unidades de hospedagem através de aquecimento solar.
Água	A água utilizada para banho é captada do lago, a da cozinha é filtrada e a água de beber é mineral. Água da chuva também é captada.
Esgoto	Banheiros com filtros de efluentes líquidos foram instalados. O composto é retirado duas vezes ao ano, ou conforme ocupação, seco e enterrado durante a época da seca.
Lixo orgânico	Separado e transformado em composto.
Lixo inorgânico	Separado e levado de volta a Tefé
Capacidade de carga	Cada trilha é percorrida com um número máximo de 6 turistas por vez. Existe um sistema de rodízio de trilhas. A pousada tem uma capacidade limite de 20 hóspedes por pacote turístico e 1000 turistas por ano. Os turistas são sempre acompanhados por guias previamente treinados.
Logística (barcos)	A logística é planejada com vistas a reduzir gastos com combustível. O início e término dos pacotes se dão em datas fixas (segundas e sextas). Os motores dos barcos de passeio são mais eficientes e menos poluentes (4 tempos).

O sistema de redução de impactos deve promover o monitoramento contínuo da atividade turística. Como não há muitas experiências concretas de monitoramento do impacto turístico na fauna Amazônica, principalmente em áreas alagáveis, foi necessário desenvolver metodologias de monitoramento ambiental com a contribuição dos pesquisadores que atuam na área. Portanto, foi implementado um monitoramento da qualidade água nos arredores da pousada Uacari e um estudo de impacto na fauna em trilhas. Neste último, cinco espécies de primatas (Uacari branco – *Cacajao calvus*, Guariba – *Alouatta senicula*, Macaco prego – *Cebus macrocephalus*, Macaco de cheiro da cara preta - *Saimiri vanzolinii* e macaco de cheiro comum - *Saimiri sciureus*) e duas de aves (Mutum piuri - *Crax globulosa* e Mutum Fava - *Mitu tuberosa*) foram identificadas como espécies indicadoras e têm suas abundâncias avaliadas duas vezes ao ano (seca e cheia). Estes dados podem indicar se a frequência de visitação nas trilhas está interferindo na abundância dos animais normalmente avistados.

A satisfação ou não dos turistas no que se refere à possibilidade de observação de animais na natureza também pode servir como uma ferramenta para monitorar a abundância de fauna na zona de manejo de ecoturismo.



MECANISMOS DE AVALIAÇÃO

De uma forma geral, os níveis de satisfação dos turistas são o centro do mecanismo de avaliação do desempenho da atividade. Muito embora a biodiversidade e a facilidade de avistamento de fauna sejam as principais atrações da área natural, o produto turístico é o conjunto de bens e serviços de um determinado destino. Portanto, como no caso do turismo convencional, o sucesso do ecoturismo também depende da oferta de serviços e do desempenho dos recursos humanos do local. Ambos devem ser continuamente avaliados e seu desempenho acompanhado.

Reconhecendo a importância da oferta de serviços, um monitoramento de qualidade é elemento essencial para avaliação e bom gerenciamento da operação. O programa de turismo de base comunitária da Reserva Mamirauá desenvolve este monitoramento de duas formas diferentes. Em primeiro lugar, a avaliação é feita pelo próprio cliente, que preenche uma ficha de avaliação ao final de sua visita.

Dentre os principais indicadores utilizados para medir a qualidade dos serviços estão a alimentação, as atividades realizadas, os guias, a hospedagem, o nível de informação, a observação da vida selvagem e a avaliação geral da visita. As figuras 6 e 7 abaixo trazem como exemplo as médias das avaliações dos clientes ao longo de alguns anos.

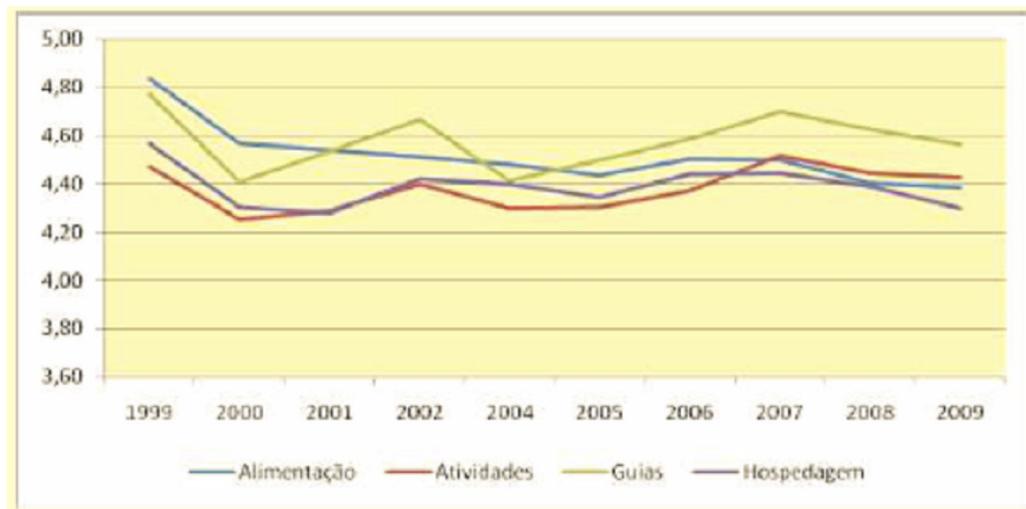


Figura 6 – Nível de satisfação dos visitantes quanto aos critérios Alimentação, Atividades, guias e Hospedagem, durante um período de 10 anos (1999-2009).

As médias resultantes da avaliação dos visitantes podem variar de 1 a 5, onde 1 é ruim, 2 é regular, 3 é bom, 4 é muito bom e 5 é excelente. Este monitoramento é uma ferramenta essencial, pois determina não apenas o nível de satisfação dos clientes, como também aponta onde estão as principais deficiências.

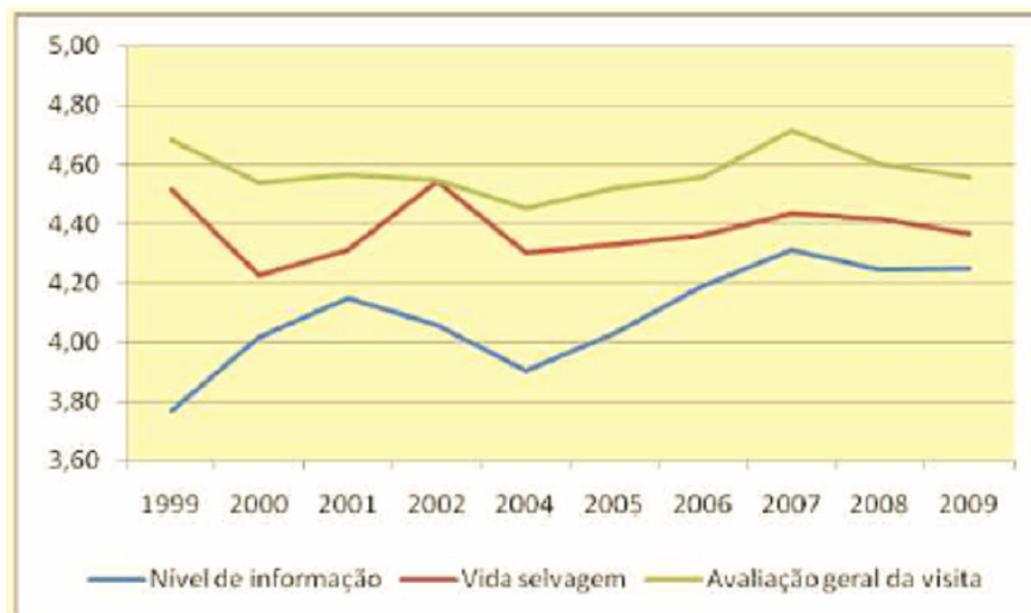


Figura 7 – Nível de satisfação dos visitantes quanto aos critérios Nível de informação, Vida selvagem e Avaliação Geral da Visita, durante um período de 10 anos (199-2009).

Esta informação deve servir de subsídios no planejamento de ações visando à manutenção da qualidade dos serviços, tais como a realização de cursos de capacitação, estabelecimento de novas formas de incentivo ao melhor desempenho, novos procedimentos gerenciais, entre outros.

Uma segunda forma de avaliação é utilizada no di-a-dia da operação turística. Nesta avaliação os funcionários da Pousada se reúnem ao final da estadia de cada grupo de turistas e analisam seu próprio desempenho de acordo com critérios pré-estabelecidos para cada setor de atendimento. Por exemplo, no caso dos condutores locais, são avaliados a pontualidade, o uso adequado dos materiais e embarcações, o uso do uniforme, a avaliação que foi feita pelo turista, etc. No caso do setor de Hospedagem e Alimentos e bebidas, são avaliados os níveis de desperdício, a limpeza, a avaliação do próprio turista e etc. Este método de avaliação busca incentivar o grupo a trabalhar em equipe, um ajudando o outro a cumprir suas tarefas para que no final todos possam ser recompensados.

As comunidades envolvidas recebem semestralmente os resultados das avaliações dos turistas, bem como informações sobre a movimentação financeira da operação. Estas reuniões devem principalmente criar subsídios para um melhor planejamento das atividades.



DESAFIOS

Apesar dos bons resultados alcançados, o ecoturismo em Mamirauá enfrenta também dificuldades e tem desafios importantes a superar. Foram detectadas, por meio de pesquisas realizadas no local, algumas mudanças sociais relevantes desencadeadas pela atividade de ecoturismo.

Entre elas destacam-se a diminuição da atividade agricultura familiar entre as comunidades envolvidas, o surgimento de alguns conflitos familiares específicos, e o enfraquecimento de alguns aspectos da organização na comunidade.

Um contínuo desafio é a conquista e manutenção da sustentabilidade econômico-financeira do empreendimento. Este é um ponto que tem sido constantemente discutido e que está no momento sob investigação. Os resultados serão oportunamente divulgados de forma ampla.

O turismo não traz só coisa boa, ele traz coisas ruins também. Então vão surgindo várias coisas por motivo do turismo dentro do grupo, e a gente vai tentando organizar mas nem todas as vezes é do jeito que a gente espera. Eu acho que é um desafio, uma dificuldade hoje como gerente da pousada. Dentro da área o turismo trouxe a falta de organização da comunidade além de serem poucas as pessoas de cada comunidade, parte dela foi trabalhar com o turismo. E no momento em que a pessoa sai, falta um pouco da organização da comunidade. De ajudar no mutirão da comunidade, de ajudar na organização da documentação. Então dá uma diminuída. Diminuiu também o trabalho na agricultura familiar. Antes do turismo todo mundo trabalhava junto, animado, se ajudava um ao outro dentro da comunidade para fazer a sua roça e não só a sua individual. Todo mundo se ajudava. Terminava a sua e ia fazer a do outro. Assim a gente tirava o verão para todo mundo dar conta e na hora da colheita também. Isso também diminuiu, a agricultura. Isto porque teve um incentivo de dizer que o turismo era mais uma das fontes de renda, uma alternativa econômica além da pesca, da agricultura e do artesanato. Ele só é um complemento. Mas mesmo assim as pessoas deixaram de fazer essas outras atividades e tomaram o turismo só como uma alternativa econômica.

Edinelza M. da Silva
Gerente da Pousada Uacari

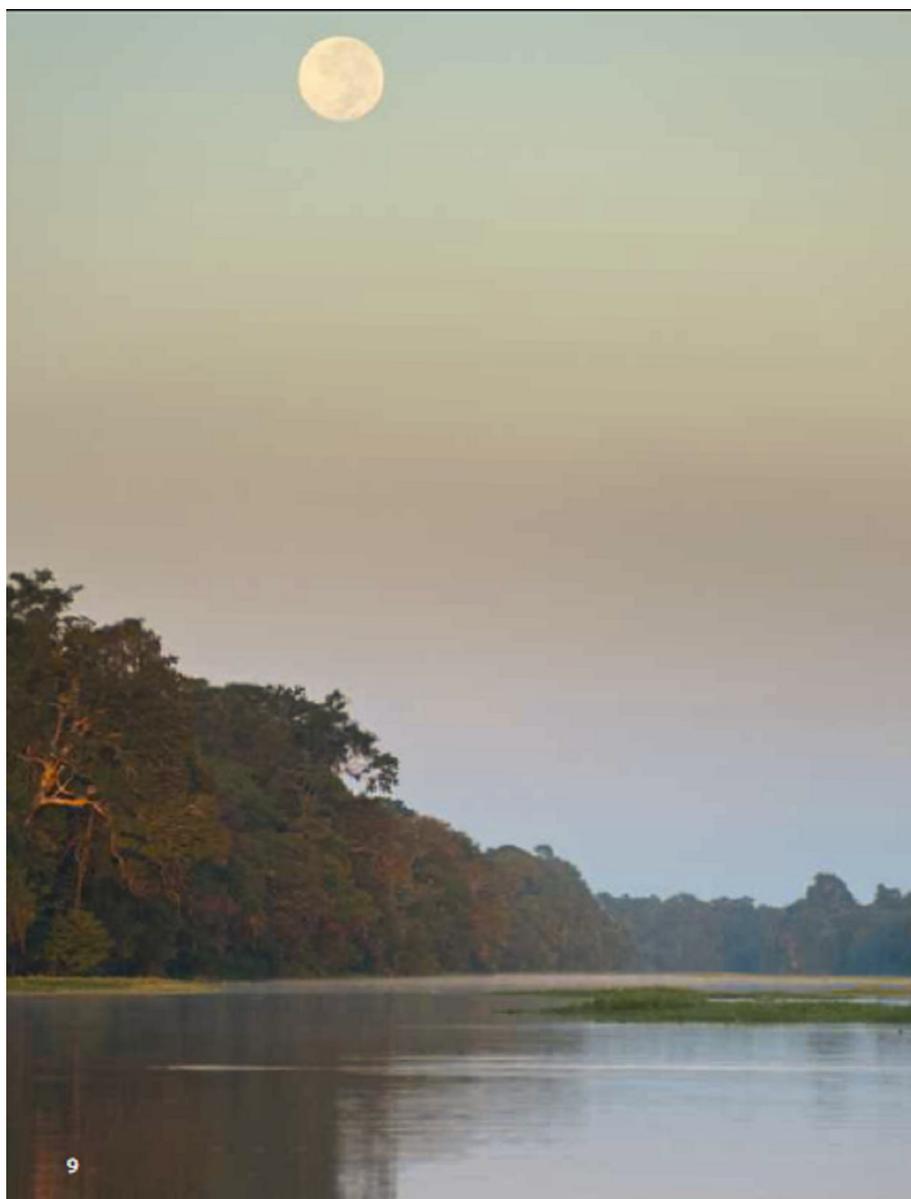


Foto Marcos Amend



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYRES, J.M. 1993. As Matas de Várzea do Mamiraua. Brasília: MCT-CNPq, Sociedade Civil Mamirauá.
- AYRES, J.M. e JOHNS, A.D. 1987. Conservation of White Uacaries in Amazonian Várzea. Oryx, Volume 21 (2): 74-80
- CEBALLOS-LASCURAIN, H. 1995. O ecoturismo como fenômeno mundial. *In*: Ecoturismo: Um Guia de Planejamento e Gestão, Kreg Lindberg & Donald Hawkins (editores). Tradução de Leila Cristina de M. Darin, São Paulo: Ed. SENAC São Paulo. Pp23-30.
- FLECK, L. 2001. Avaliação do Monitoramento de Impacto à Fauna do Programa de Ecoturismo da RDS Mamirauá. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Manuscrito não-publicado.
- QUEIROZ, H.L. 1995. Preguiças e Guaribas – Os Mamíferos folívoros de Mamirauá. Brasília: MCT-CNPq, Sociedade Civil Mamirauá.
- LISBOA, C; CAVALCANTE, D. e SOUZA, S. (sem data). Ecoturismo, O Desenvolvimento Aliado A Conservação Da Natureza. Rondônia: Superintendência Estadual de Turismo.
- PAUL, F. J. 1995. Understanding The Market For Sustainable Tourism. *In*: Eaglesn, McCool, Stephen F.; Watson, Alan E. Linking tourism, the environment, and sustainability. Annual meeting of the National Recreation and Park Association. Minneapolis, MN. Gen. Tech. Rep. INT-GTR-323. Ogden, UT: U.S. Department of Agriculture, Forest Service.
- IDSM. 2010. Plano de Gestão da Reserva de desenvolvimento Sustentável Mamirauá, AM: Instituto de Desenvolvimentos Sustentável Mamirauá, Tefé, AM. 2 volumes.
- SOUZA, M. 2001. **Artesanato: alternativa econômica para as comunidades de Mamirauá.** <http://www.mamiraua.org.br/5-1-4.html> Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.



ANEXO 1 – Estrutura da Pousada Uacari

Atualmente a pousada conta com sete funcionários fixos e os prestadores de serviços fornecidos pela Associação de Auxiliares de Guias de Ecoturismo de Mamirauá – AAGEMAM (aproximadamente 60).

Os funcionários são:

- 01 Gerente/Supervisora de alimentos, bebidas e hospedagem (acumula 2 funções)
- 01 Supervisor de manutenção e lazer (chefe dos guias locais)
- 02 Zeladores
- 01 Responsável por transporte e compras (baseado em Tefé)
- 01 Assistente administrativo (baseado em Tefé)
- 01 Gerente de marketing e vendas (baseado em Tefé)

Todos são funcionários registrados pela Pousada Uacari. A base de apoio/escritório em Tefé foi cedido pelo Instituto Mamirauá.



ANEXO 2 - Normas uso da zona de manejo de ecoturismo

- 2.1. Só é permitida a atividade turística em companhia de um guia local credenciado e previamente treinado pelos órgãos gestores da unidade de conservação.
- 2.2. Para evitar impactos ambientais e sociais negativos, o número máximo permitido de turistas de 1.000 visitantes ao ano. O número de visitantes só poderá ser modificado mediante os resultados de um estudo de impactos ambientais.
- 2.3. Não é permitido fazer coleta de qualquer tipo nas trilhas, lagos e canos sem a prévia autorização tanto do IBAMA quanto do órgão gestor da unidade de conservação.
- 2.4. É proibido agredir ou interferir com qualquer espécie de fauna ou flora locais.
- 2.5. Não é permitida a entrada de barcos ou recreios regionais ou navios para fins turísticos na área da Zona de Manejo Especial de Ecoturismo ou em outras áreas da RDS Mamirauá.
- 2.6. Só é permitida a visita em trilhas com a presença de um guia.
- 2.7. Só é permitida a visita de 06 pessoas por vez na trilha, salvo na trilha interpretativa denominada trilha do Pagão, onde é permitida a visita de até 20 pessoas por vez.
- 2.8. Não é permitido fazer barulho nas trilhas.
- 2.9. Não é permitido fumar ou consumir bebidas alcoólicas nas trilhas.
- 2.10. Durante o percurso nas trilhas, não é permitido sair das mesmas.
- 2.11. Só é permitida a visita aos lagos dentro das canoas com motores de 15HP de baixa potência e em baixa velocidade.
- 2.12. Só é permitida a visita aos lagos com guias locais credenciados e treinados.
- 2.13. Não é permitido nadar, fumar ou consumir bebida alcoólica durante os passeios nos Canos e Lagos.
- 2.14. Não é permitida a visita à comunidade sem a presença do guia comunitário credenciado e treinado.
- 2.15. Não é permitida a visita à comunidade sem a presença de guia local ou guia naturalista.
- 2.16. Não é permitida a visita sem aviso prévio à comunidade.
- 2.17. Solicitamos aos ecoturistas que, ao visitarem as comunidades, respeitem a privacidade dos habitantes e não entrem nas residências.



2.18. Não é permitido fotografar ou filmar sem a permissão do morador local e, coletar qualquer tipo de material nas comunidades.



ANEXO 3 – Normas de conduta estabelecidas pelas comunidades participantes:

- 3.1. Participação das comunidades nos encontros de Setor;
- 3.2. Participação ativa das comunidades, nas atividades realizadas pelo setor, como: encontro de mulheres, encontros religiosos, preparação da Assembléia Geral dos Moradores e Usuários da RDSM, contribuição em alimentação nos encontros de Setor;
- 3.3. Participação das comunidades na fiscalização, através de denúncias;
- 3.4. Participação das comunidades na fiscalização, com a atuação de um comunitário voluntário, por comunidade, quando for solicitado pelos Agentes Ambientais Voluntários e Guarda-Parques do Setor;
- 3.5. As comunidades não devem fazer uso dos recursos naturais da área que vai do Pagão até o Flutuante de Pesquisa do Projeto Boto [área próxima à Pousada Uacari, transformada em área de proteção integral];
- 3.6. Respeito ao defeso e aos tamanhos dos peixes;
- 3.7. Respeito ao peixe proibido: pirarucu;
- 3.8. Bom atendimento aos ecoturistas nas comunidades;
- 3.9. A comunidade não pode receber turistas clandestinos;
- 3.10. Maior envolvimento das comunidades nos trabalhos do ecoturismo;
- 3.11. As comunidades devem seguir as normas da política de ocupação do Setor.